

Habitar a cidade: as experiências dos migrantes venezuelanos em situação de rua e a utilização e ressignificação dos espaços urbanos<sup>1</sup>

Ayanara Costa Monteiro, UFRR<sup>2</sup>

Profa. Lilian Chaves Leite, UFRR<sup>3</sup>

Palavras-chave: migração, pessoas em situação de rua, espaços urbanos

O projeto Habitar a cidade, faz parte do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica, categoria “PIBIC- CNPq”, edição 2021-2022 da Universidade Federal de Roraima com a orientação da Professora Lilian Leite Chaves e desenvolvido pela aluna Ayanara Costa Monteiro. A iniciação do projeto desencadeou dado ao fluxo massivo de imigrantes venezuelanos para Roraima devido à crise política, econômica e humanitária pela qual passa a Venezuela, desde 2016. A grande maioria desse fluxo desloca-se para a capital Boa Vista em busca de auxílios relativos à documentação, trabalho, alimentação, abrigo e entre outros. Parte desse fluxo, mesmo que de forma provisória, acaba se inserindo na capital e vivendo em situação de rua. É possível observar, que a presença desse fluxo de migrantes venezuelano dentro da cidade de Boa vista, alteram a paisagem da cidade devido às suas ações nas ruas, ocupando espaços como terminais, praças, edifícios públicos e privados desativados, e demais espaços. O projeto, a partir da observação, da construção de cartografias do cotidiano e da escuta engajada, visa compreender como os migrantes venezuelanos utilizam e ressignificam os espaços urbanos, mostrando as suas estratégias de sobrevivência e as suas reflexões sobre a cidade e a forma como se inserem nela.

Com isso, é importante compreender como os migrantes venezuelanos utilizam e ressignificam os espaços urbanos, por onde circulam e onde ocupam para se abrigarem ou pernoitar. Dentro das observações feitas pela bolsista e pela orientadora, percebemos e entendemos quais são as estratégias utilizadas pelos migrantes venezuelanos para se inserirem na cidade e suas formas práticas para sobreviverem dentro da cidade de Boa Vista-RR. Além das observações feitas e com base nas discussões teóricas levantadas tanto pela bolsista quanto pela orientadora, mostraremos as reflexões dos migrantes

desabrigados sobre as tentativas de alcançar os aspectos da casa nas ruas e nos demais espaços da cidade.

O projeto está sendo executado através da observação dos migrantes em situação de rua nos espaços da Rodoviária de Boa vista, nas principais avenidas que percorrem tanto o restante da cidade e próximas à rodoviária como, por exemplo, Av. Venezuela, Av. Mário Homem de Melo <sup>1</sup> e Av. Brigadeiro Eduardo Gomes. Mais para frente, o projeto caminhará por meio de conversas e entrevistas com algumas pessoas que se mostrarem dispostas a compartilhar sobre as suas vivências na cidade, sem a realização de um recorte de gênero e nem mesmo de faixa etária, a fim de alcançar a heterogeneidade presente nas ruas e demais espaços urbanos.

Os resultados parciais obtidos na pesquisa, são decorrentes da sua metodologia na técnica Cartografia e da Etnografia, com base na observação participante nos espaços urbanos da cidade de Boa vista- RR. Deste modo, foi possível constatar que os migrantes de situação de rua são uma parcela bastante significativa da modificação dos espaços da cidade de Boa vista RR e que muitos deles estão sujeitos a vulnerabilidade e a violência encontrada na rua. Buscando demonstrar os resultados parciais, é notável que a temática sobre migrantes em situação de rua é pouco levantada, isso demonstra o quão essas pessoas precisam ser escutadas para entender as suas condições de vida e, porque não existe ajuda necessária para estes.

O projeto enfatizou a atenção que se deve ter em campo para a alcançar as peculiaridades da cidade de Boa vista-RR, entendendo principalmente como um migrante em situação de rua compreende o espaço da cidade de Boa vista-RR e ressignifica esse espaço em relação ao que na teoria antropológica é concebido como os espaços relacionais da casa e da rua.

Com base, no autor Roberto da Matta (1997) “ A casa e a rua”, na qual, percebemos que as esferas (casa e rua) são muito mais do que físicas, devem ser compreendidas a partir das redes de relações sociais e valores, das formas de julgar e classificar coisas, pessoas, assuntos, ações e moralidades. A fim de entender as questões dentro de espaços urbanos ocupados por imigrantes venezuelanos, existe uma sociabilidade tanto na cidade de Boa Vista como em seu conjunto. Dentro das observações feitas, existem múltiplos grupos entre os migrantes que vivem situações de rua, assim existe uma classificação de valores, estratégias de sobrevivência, demonstrando uma divisão social de grupos e categorias para montar as estratégias dentro da cidade de Boa Vista.

Compreendendo essas esferas sociais, podemos acrescentar uma nova forma de metodologia levantada pelo autor José Guilherme Cantor Magnani (2002), parte de acompanhar e traçar cartografias, onde será realizada uma etnografia “de perto e de dentro”, assim compreendendo como os migrantes em situação de rua transitam pelos espaços das ruas e as suas ações, onde os locais são atravessados por processos de apropriação e ressignificação, que indicam a partilha da cidade, dos espaços urbanos, um mapeamento feito a partir de cada indivíduo pesquisado, afinal cada indivíduo percorre pela cidade e olha a cidade em aspectos diferentes.

Com isso, foi levantado a respeito da relação entre a população de rua e a cidade, uma análise da ressignificação feita pelos imigrantes venezuelanos em situação de rua, utilizados os espaços urbanos, as estratégias de inserção e sobrevivência na cidade, os significados dados a determinados espaços, que permitem o pesquisador compreender a realidade de quem faz parte de uma parcela da população considerada duplamente como um problema, o fato de ser um migrante e estar em situação de rua. É importante ressaltar, que durante as observações feitas pela bolsista e pela orientadora, existem pontos nas cidades de Boa vista que os imigrantes venezuelanos deixam objetos sejam para pernoitar, se alimentar, transformam em moradia, exemplos de muitas barracas improvisadas, pilhas de colchão, entre outros objetos.

Nas Avenidas da cidade, existe uma variedade de produtos para vender como produtos para suporte de carro, carregadores de celular, aromatizante para carro, pitomba, água,

laranja, salgadinhos, capa de volante entre outros. Além disso, são deixados objetos para realização de trabalhos, como bancos improvisados, garrafas pets, pequenos robôs para limpeza de vidro, algumas placas utilizadas para pedir emprego ou ajuda.

Salientamos que, uma das maiores dificuldades encontradas para a elaboração do projeto, foi encontrar

materiais bibliográficos referentes a migrantes em situação de rua e etnografia urbana na Cidade de Boa Vista- RR, que enfatizem a marginalidade e periferização urbanas, justamente dados pela divisão dos espaços urbanos. Quanto mais a bolsista e a orientadora vão ao campo, é notável que os migrantes em situação de rua, modificam e transformação aquele espaço dentro da cidade Boa vista, sendo esse espaço é heterogêneo e móvel para adequar suas necessidades e até mesmo noções básicas para viver em espaço que não é uma “ casa”, mas a rua, locais considerados “ públicos”, o que só completa ainda mais a marginalização desses migrantes em situação de rua.

Através das observações, identificamos os diferentes perfis de pessoas que ocupam o cruzamento das Avenidas Brigadeiro Eduardo Gomes e Venezuela, grande parte dos indivíduos que estão em situação de rua são mulheres e crianças, mas há uma parcela de homens também que são responsáveis pelas vendas de produtos ofertados nos sinais ou limpeza dos para-brisa de carro. Visualmente, percebemos uma diferença de quantidade de pessoa por gênero de acordo com os horários do dia, pela manhã a uma mistura de gêneros, como homens, mulheres, crianças e muitas delas aparentam ter alguma familiaridade, entretanto no período da noite existe uma grande quantidade de mulheres realizando trabalho de limpeza do para-brisa, elas chama a atenção pela simpatia com os motorista, suas vestimentas são legging e camisetas. Os homens também seguem esse perfil do vestuário, em grande parte, estão vestidos camisas de time, bermuda e o colar prateado. Existe uma dinâmica entre os sujeitos, para a realização de trabalhos, alguns deles se dividem em pequenos grupos de 3 a 4 pessoas, para aqueles que vendem mercadorias, são responsáveis pela circulação entre todos os veículos até o sinal ficar verde. Para os que realizam o trabalho de limpeza de para brisa, cada indivíduo é responsável por cada carro, caso o motorista rejeite ele pode persistir ou ir na direção apontada por outro colega do grupo.

Essa mesma dinâmica, é encontrada na Avenida Mário Homem de Melo, mas em vez de somente um indivíduo ir em um carro por vez, se misturam entre os vendedores de mercadoria de frutas, comidas, bebidas e objetos variados para carro, como há uma fluxo muito maior de pessoas em situação de rua, é notável que essa parte da avenida está mais voltada para comercialização da vendas de produtos do que pela limpeza de para-brisa, diferentemente do cruzamento da Brigadeiro Eduardo Gomes e Venezuela. A avenida Mário Homem de Melo é uma das principais avenidas da cidade que liga o centro da cidade de Boa vista com os maiores bairros populosos sendo considerados periféricos. Ao redor do sinal da Mario Homem de Melo, existem muitos lanches em frente e na lateral da Escola Estadual Ana Libória, esse sinal percorre três grandes avenidas da cidade de Boa vista, a escola fica na Av. Venezuela com encontro de Mário homem de Melo que segue para Av. Ataíde Teive, nessa lateral dos lanches muitas pessoas dormem e se protegem do sol pela manhã, alguns dos lanches funcionam somente no percurso da noite, diminuindo a quantidade de pessoas na ocupação dos espaços dos lanches.

Já nas observações feitas dentro do bairro Jardim Floresta, próximo à Universidade Federal de Roraima, entre a R. Almério Mota Pereira e Travessa Dalcio Amorim, o fluxo de pessoas é muito menor por ser um bairro residencial. Os perfis de pessoas analisadas nesse percurso são famílias que vão de casa a casa para pedir alguma ajuda, seja dinheiro, comida ou roupas. Grande parte dessa família, é composta por uma mãe e 4 filhos, as crianças variam na idade, mas a idade está bem próxima umas da outras, geralmente a diferença de 1 ano de uma criança para outra. Todas as famílias observadas tinham um bebê recém-nascido ou a mãe estava grávida, às vezes a mãe não comia nada para dividir o alimento que se conseguisse entre as crianças ou retirava o resto de lixo encontrado em frente às casas, como a coleta de objetos deixados pelos moradores, por exemplo, vasilhas, cabo de vassoura, baldes, garrafas pets o que ocasionava o espalhamento de todo o lixo deixados pelos moradores. Quando não são famílias vasculhando o que se pode conseguir no lixo, são homens que geralmente estão de bicicleta que vasculham o lixo, diferentemente das famílias que buscam ajuda e batem de porta em porta, esses homens não pedem ajuda para os moradores, eles esperam os lixos serem deixados nas portas, é

corrente diferentemente de ser às vezes que isso acontece, todos os dias tem homens procurando alguma coisa no lixo deixado na frente das casas.

Entendemos, que as questões urbanas encontradas na cidade de Boa vista, mostram as diversas possibilidades que se abrem para identificar diferentes situações da dinâmica cultural da sociabilidade local, a cidade tem o seu conjunto, mas cada prática cultural reflete como esse espaço urbano é utilizado por diferentes tipos de pessoas. Desta forma, existem pedaços da cidade de Boa vista, onde os migrantes em situação de rua se identificam transformando-os em circuitos.

1

---

<sup>1</sup> Habitar a cidade: as experiências dos migrantes venezuelanos em situação de rua e a utilização e ressignificação dos espaços urbanos, Trabalho apresentado na 33.<sup>a</sup> Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 28 de agosto a 3 de setembro de 2022

<sup>2</sup> Ayanara Costa Monteiro, Graduanda do Instituto de Antropologia- (UFRR) e-mail: [monteiroayanara@gmail.com](mailto:monteiroayanara@gmail.com)

<sup>3</sup> Profa.. Lilian Chaves Leite, do Instituto de Antropologia- (UFRR) e professora permanente do Programa de Pós Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Roraima e-mail: [lilian.chaves@ufr.br](mailto:lilian.chaves@ufr.br)

## REFERÊNCIAS:

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à fome. Rua: aprendendo a contar. Pesquisa nacional sobre a população em situação de rua. Brasília: MDS; Secretaria de Avaliação e Gestão da Informação, Secretaria Nacional de Assistência Social, 2009.

CHAVES, Lilian. Loucura e experiência: seguindo loucos de rua e suas relevâncias.

Tese.

Universidade de Brasília, 2013.

CIDH. Resolução 2/2108. Migração forçada de pessoas venezuelanas. Bogotá, 2018.

DALMOLIN, Bernadete. Esperança equilibrada: cartografias de sujeitos em sofrimento psíquico. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006.

DAMATTA. A casa e a rua. Espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. Rio de

Janeiro:

Rocco, 1997.

FELDMAN-BIANCO, Bela. O Brasil frente ao regime global de controle das migrações:

Direitos humanos, securitização e violências. Travessia-Revista do Migrante, Ano XXXI, No 83, 2018. Pp. 11-36.

FORSEY, Martin. Ethnography as participant listening. Ethnography. November 29 , Vol. 11 ,Nº 4, 2010. Pp. 558-572.

LIMA, João Brígido; MUÑOZ, Fernanda; NAZARENO, Luísa; AMARAL, Nemo. Refúgio No Brasil: caracterização dos perfis sociodemográficos dos refugiados (1998-2014) . Brasília,IPEA, 2017.

LIMA, José Carlos; FERNANDES, Gilmara. Migrantes em Roraima (Brasil): a massificação dos termos acolher/acolher. Boa Vista, Universidade Federal de Roraima, 2019.

MAGNANI, José. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. Revista brasileira de Ciências Sociais. São Paulo, v. 17, n. 49, Junho, 2002.

MAGNANI, José. Rua, símbolo e suporte da experiência urbana. Os urbanitas: revista digital de Antropologia Urbana. Ano 1, vol. 1, n°. 0, 2003.

MORAIS, Vângela; LIMA, Damião. O horizonte comunicativo da migração venezuelana na cidade de Boa Vista – Roraima. Textos e Debates, Boa Vista, n.32, p.

199-212 , jan./jun. 2019.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL PARA AS MIGRAÇÕES. Estimativa do número de migrantes e refugiados desabrigados em Boa Vista (RR)- Março de 2020.

Brasília, 2020.

SAYAD, Abdelmalek. O que é um imigrante? In: Imigração ou os paradoxos da alteridade. São Paulo: Edusp,1998.